

**QUILOMBOLAS: OLHARES AOS DIREITOS HUMANOS NO CÓRREGO DE
UBARANAS EM ARACATI – CEARÁ**

**QUILOMBOLAS: VIEWS ON HUMAN RIGHTS IN THE CÓRREGO DE
UBARANAS IN ARACATI – CEARÁ**

Helane Silvério Maia de Paula

Graduada em Letras pela Faculdade do Vale do Jaguaribe - FVJ

E-mail: helanemaia@hotmail.com

Ana Lúcia Oliveira Aguiar - UERN

Doutora em Sociologia

Docente do Departamento de Educação - UERN

E-mail:oliveiraaguiarpetro@gmail.com

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN),
Departamento de Administração (DAD)

Mossoró – RN

2024

RESUMO

Diante das várias pesquisas, estudos e teorias que circundam o mundo acadêmico, o trabalho traz uma proposta diferente, através de um passeio cultural, histórico, acrescido de saberes, memórias e tradição do campo, especificamente dos quilombolas e seus direitos. Como objetivo esta pesquisa buscou conhecer a atual situação dos quilombolas ao lado de quem luta pelos seus direitos. Para isso nos valem os documentos legais que tratam sobre as comunidades tradicionais; das leituras sugeridas no trabalho com destaque em Josso (2008); da narrativa autobiográfica dos quilombolas Ana e seu esposo José e de alguns membros da comunidade, localizada no Córrego de Ubaranas em Aracati- Ceará. A pesquisa aconteceu em dois momentos: bibliográfica e em campo, a parte teórica foi a partir das disposições dos artigos legais sobre temática “os quilombolas”. A outra parte se deu com entrevistas abertas com os membros da comunidade, enfatizando a biografia dos líderes Ana e José. Chegamos aos seguintes resultados: o descumprimento dos direitos humanos, a exclusão e marginalização dos indivíduos ainda são evidentes, as conquistas provenientes das lutas e união dos povos reforçam valores, identidades e tradições. A pesquisa foi tocante aos saberes diversos adquiridos, das memórias que ganharam reconhecimento e fortalecimento. Mensuramos a riqueza da pesquisa, uma vez que conhecer o outro sem preconceitos, julgamentos ou barreiras nos possibilita a concretude e transformação pessoal, social, cultural e global dos seres humanos.

PALAVRAS CHAVES: Direitos humanos. Memórias. Saberes. Quilombolas

ABSTRACT

In view of the various research, studies and theories that surround the academic world, this work presents a different proposal, through a cultural and historical tour, enhanced by knowledge, memories and traditions from the field, specifically of the quilombolas and their rights. The objective of this research sought to understand the current situation of the quilombolas alongside those who fight for their rights. To this end, we used the legal documents that deal with traditional communities; the readings suggested in the work, with emphasis on Josso (2008); the autobiographical narrative of the quilombola Ana and her husband José and some members of the community, located in Córrego de Ubaranas in Aracati- Ceará. The research took place in two stages: bibliographical and in the field; the theoretical part was based on the provisions of the legal articles on the theme “the quilombolas”. The other part was conducted through open interviews with community members, emphasizing the biographies of leaders Ana and José. We reached the following results: the non-compliance with human rights, the exclusion and marginalization of individuals are still evident, and the achievements resulting from the struggles and unity of peoples reinforce values, identities and traditions. The research was touching on the diverse knowledge acquired, on the memories that gained recognition and strengthening. We measured the richness of the research, since knowing the other without prejudice, judgment or barriers allows us to achieve concreteness and personal, social, cultural and global transformation of human beings.

KEYWORDS: Human rights. Memories. Knowledge. Quilombolas

1. INTRODUÇÃO

Para fazer um passeio cultural, histórico, adicionado de saberes, memórias e tradição, é preciso fincar os pés na terra, ouvir os mais belos sons da natureza e sentir na pele a vida como ela é. Para isso, olhamos atentos, ouvimos curiosos a história dos quilombolas do Córrego de Ubaranas, em especial a história de Ana e José que trouxeram contribuições relevantes para nossas vidas e consequentemente dos leitores.

Ao trazer as vozes do campo para a Academia, pudemos sair do mundo puramente científico para nos envolver no mundo de todos, pois através das narrativas percebemos as pluralidades, singularidades e familiaridades que temos uns com os outros, além de propor ao estudo mais tangibilidade e transformação.

Conhecer a atual situação dos quilombolas ao lado de quem luta pelos seus direitos, foi o que nos motivou a sair a campo para compreender as narrativas, identidades, angústias, medos, agressões, e, infelizmente falta de respeito e cumprimento aos direitos humanos. Neste sentido nos perguntamos: Por que os direitos nem sempre são cumpridos de forma justa?

Diante do exposto, vale nos apoiar nas bases legais que tratam sobre as comunidades tradicionais; das leituras sugeridas no trabalho com destaque em Josso (2008); das narrativas autobiográficas dos quilombolas Ana e seu esposo José e de alguns membros da comunidade, localizada no Córrego de Ubaranas em Aracati - Ceará. Trabalhar as questões identitárias, expressões de nossa existência mediante a análise e a interpretação de relatos de vidas escritos, permite evidenciar a pluralidade, a fragilidade e a dependência de nossas identidades, ao longo da vida (Josso, 2008, p.25).

A pesquisa nos reportará as histórias de vida, existência, memórias, identidades para fins de maiores esclarecimentos sobre esta realidade e efetivação dos direitos que devem ser garantidos e atingidos a todos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Sobre os direitos dos quilombolas

De acordo com Munanga e Gomes (2006), a história da escravidão mostra que luta e organização, marcadas por atos de coragem, caracterizou o que convencionou se chamar de “resistência negra”, cujas formas variavam de insubmissão às condições de trabalho, revoltas, organizações religiosas, fugas, até aos chamados mocambos ou quilombos.

De inspiração africana, os quilombos brasileiros constituíram-se estratégias de oposição, a uma estrutura escravocrata, pela implementação de outra forma de vida, de outra estrutura política na qual se encontram todos os tipos de oprimidos.

Munanga explica que:

A palavra quilombola tem a conotação de uma associação de homens, aberta a todos sem distinção de filiação a qualquer linhagem, na qual os membros eram submetidos a dramáticos rituais de iniciação que os retiravam do âmbito protetor de suas linhagens e os integravam como co-guerreiros num regimento de super-homens invulneráveis às armas de inimigos (Munanga, 2001, p.25).

No Brasil, a acepção adquiriu historicamente contornos diferentes que por sua vez tem impacto na questão legal. Moura (1972) afirma que o termo foi uma expressão de ruptura com aquele sistema brasileiro escravista.

Destaca-se aqui a afirmação de Calheiros e Standtler:

Se a instituição legal da escravidão marcou o início da organização quilombola no país, não se pode, entretanto, imaginar que a sua proibição pôs fim aos quilombos mesmo quando escravizar tornou-se ilegal, as práticas opressoras continuaram se reproduzindo contra a população negra e daí a manutenção da sua resistência (Calheiros e Stadler, 2010, p.136).

Um século depois da Lei Áurea que determinou ao negro o direito de ir e vir, a Constituição Federal Brasileira de 1988, reconheceu em seu artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) que “remanescente de quilombo a propriedade definitiva das terras que estejam ocupando”, obrigando o Estado a emitir os respectivos títulos.

Com relação à questão ao vocábulo remanescente corrobora Calheiro e Stadtler, quando afirma que o termo “remanescente”:

Serviu naquele momento para o constituinte identificar populações que não poderiam ser confundidas com os quilombos históricos, e nem associadas por descendência somente. Grupos que passaram a contar com o reconhecimento oficial de identidade e cultura, mas também com consequências diretas para sua militância e principalmente para os conflitos fundiários (Calheiro e Stadler, 2010, p. 137).

Ao buscarmos no Decreto nº 4.487 de 20 de novembro de 2003, podemos argumentar sobre os diversos aspectos que ele contempla, que vão desde a questão do território até a autodefinição da própria comunidade.

Tal decreto em seu artigo 68 regulamenta que:

Consideram-se remanescente das comunidades dos quilombos, para fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotado de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. § 1º

para fins deste Decreto, a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante auto definição da própria comunidade (BRASIL, 2003).

Para a Constituição Federal no Art. 68, aos remanescentes das comunidades dos quilombos devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos: **Da Ordem Social, da educação, da cultura e do desporto, da cultura** (grifo nosso). No Art. 215, o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

De forma direta, dispõe Josso (2008): “Essas identidades, em certos períodos históricos são mais fortemente perturbadas pelos efeitos desestruturantes de mudanças sociais, econômicas e/ou políticas” (Josso, 2008, p.25). Assim ao longo da vida vão sofrendo consequências, ou por vezes assumindo posturas firmes e atuantes para que as coisas aconteçam de forma justa.

3. A COMUNIDADE EM ESTUDO: CÓRREGOS DE UBARANAS EM ARACATI/CE

Amparados pela Lei, os remanescentes de Quilombolas da região do Córrego de Ubaranas, na cidade cearense de Aracati, representam uma comunidade desassistida e com seus direitos violados. Ainda hoje vivem e sobrevivem nos terrenos marcados pela escravidão, muitos dos escravizados já morreram, mas são honrados pelas memórias e narrativas dos habitantes.

Segundo os relatos dos membros, viviam sob condições desumanas de trabalho escravo, sem terem direito muitas vezes à comida. Não tinham coragem de unir forças para enfrentar os patrões, estavam unidos em pensamento, mas não podiam expressar seus sentimentos.

Elucida Pollak (1986):

Em face dessa lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas. E algumas vítimas, que compartilham essa mesma lembrança "comprometedora", preferem, também, guardar silêncio. Em lugar de se arriscar a um mal-entendido sobre uma questão tão grave, ou até mesmo de reforçar a consciência tranquila e a propensão ao esquecimento dos antigos carrascos, não seria melhor se abster de falar? (Pollak, 1986, p. 04).

Assim continuavam vivendo humilhados, oprimidos, reprimidos, optavam pelo silêncio preso e sofrido, e, sem esperança de que isso um dia fosse acabar.

Afirma Josso (2008, p.25) que “as subjetividades expressas são confrontadas com sua frequente inadequação para uma compreensão que libera a criatividade em nossos contextos

em mutação”. Apesar dos contextos serem diferentes, os indivíduos são confrontados a viverem suas subjetividades com medidas adequadas às mudanças e transformações de cada tempo.

Atualmente estes entes são representados por uma geração que honra e defende seus direitos a favor da vida e liberdade. Mesmo que não tenham sofrido a escravidão dos seus antepassados, são também marcados pelas lutas de cada dia, por uma vida mais digna e feliz.

Em 2007 com o apoio do parceiro e atual secretário de agricultura foram recebendo orientação sobre seus direitos como Quilombolas, até então termo desconhecido, que só após muitos estudos e leituras começaram a juntar os fatos e se reconhecerem como remanescentes de Quilombolas. Toda parte burocrática ficou a cargo do secretário, que abriu um processo no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) para o estudo antropológico da população, como também para torná-los uma associação.

Neste mesmo ano, fundaram uma associação, e, mais adiante em 2013 a Fundação Palmares de Brasília aprovou e confirmou-os como quilombolas. Em seguida deram início a RTID – relatório territorial de identificação e demarcação, que também foi concluída com êxito. Infelizmente os proprietários contestaram sobre a apropriação da terra pelos quilombolas.

O atual líder da associação afirma que segundo estudo antropológico, havia uma carta de doação de uma família muito rica para os descendentes, mas proprietários se apossaram e começaram os mandos e escravidão.

Em meio às resoluções e conquistas de duzentos habitantes, numa média de sessenta e uma famílias, há os conflitos diários para que eles desapropriem as terras, muitos quilombolas torcem calados, temerosos do que possa acontecer. Sofrem ameaças, subornos, humilhações, perseguições, diferindo dos antepassados apenas das agressões físicas que não são tão frequentes.

Ainda hoje não tem todos os seus direitos garantidos, saúde, educação, segurança são precários, precisam andar vários quilômetros para ir à escola e hospital, não recebem agente de saúde, e a segurança segundo eles é divina.

Falta pouco para que durmam sossegados, em terras que são suas por direito. Em cada rosto assustado, voz abafada e esconderijos apavorantes são representados pela voz de um casal, que defendem, consolam, acreditam e sonham com um mundo mais ético e humano.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa tem o paradigma fenomenológico pois analisa de forma aprofundada, por meio das respostas de entrevistas realizadas, o pensamento, a luta, o estilo de vida dos moradores da comunidade quilombola de Ubaranas, na cidade de Aracati, interior do Ceará.

As entrevistas aconteceram com dois representantes da associação de quilombolas da comunidade, os líderes que estão a frente das decisões do grupo. Esses líderes trabalham buscando apoio e reconhecimento da condição de quilombola na comunidade.

Outra técnica utilizada foi o uso da observação participante realizada por uma das pesquisadoras que visitava a comunidade *in loco*. Suas vivências deram apoio para a análise e compreensão dos fatos das vivências dos membros participantes na comunidade.

A técnica de análise utilizada foi a análise de conteúdo, que é uma técnica bastante utilizada em pesquisas fenomenológicas com pesquisas em que utilizam poucos participantes como amostra.

O referencial teórico do tema anteriormente estudado, quilombolas, norteou todo o processo de análise.

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Palmares Zumbi

Sempre negro,

Filho de preconceito sim, sim!

Mas exijo respeito enfim.

Quero dignidade,

Que meus filhos se orgulhem de mim.

Nas lembranças,

Misturam-se dor e esperança,

Fé na crença

Sem grilhões e correntes,

E o povo negro que dança.

Liberdade pro negro enfim;

O negro sonhou.

O negro lutou.

Liberdade... Liberdade.

Mas que homem é este?
Que diz que o negro é tão diferente.
Que diz, este negro não pode ser gente.
Por que minha cor, te ofende assim?
Sou negro, sim!

Apresentaremos no próximo tópico os líderes da Associação de remanescentes de Quilombolas do Córrego de Ubaranas, Ana e José, ambos autorizaram com orgulho a exposição de suas identidades, assim como os demais pesquisados também não fizeram objeção quanto a sua identidade original.

5.1 Depoimentos de Ana e José (quilombolas memoráveis)

Ana Maria da Silva nasceu no dia 05 de Abril de 1965, no sítio Croatá, terceira filha de Maria das Dores Valente da Silva e Manuel Francisco Sabino da Silva, casada com José Francisco dos Santos Pereira (Dedé), com três filhos Jeferson Aécio da Silva, Melka Maria Pereira da Silva e Marla Maria Pereira da Silva.

Continuou a história de sua mãe, considerada pela comunidade uma força para todos. Dona das Dores assim chamada foi parteira, conselheira, amiga, ainda hoje respeitada e querida por todos. A anfitriã quilombola defende uma frase com muita autoridade: *“Estamos aqui para ajudar, o pouco que tenho dou a quem não tem.”*

Ana desde os vinte anos, em sua primeira gestação iniciou suas ações na comunidade orientando e acompanhando outra gestante. A partir daquele dia começou a fazer parte da história de vida e memória de muitos.

Para Josso (2008, p.31), a formação dos seres é a partir dos processos vividos, sendo refletidos, analisados e formados. “O processo de formação que caracteriza o processo de vida de cada um permite, portanto, colocar em dia, progressivamente, o ser-sujeito de formação, vê-lo tomar forma psicossomática”.

Ana tem uma história rica de vivências, sabores e dissabores, mas que para ela fazem parte da vida. Considera a vida uma oportunidade para fazer pelo outro, através de ações positivas. Como afirma Ana: *“Faço de tudo um pouco, sou voluntária da pastoral das crianças, acompanho 39 famílias, 58 crianças”*. O envolvimento cultural, social, religioso, educativo, econômico faz parte da comunidade. Em todos, Ana participa com amor e compromisso, não

recebe nenhum recurso financeiro, apenas dos amigos e parceiros que presenteiam a comunidade com brindes, cestas básicas dentre outros.

Ana divorciou-se do seu primeiro marido, pai do seu filho Jeferson. Conheceu Dedé, também voluntário na comunidade, ambos comungam dos mesmos pensamentos e ideais. Desde que se conheceram não se separaram mais, após alguns anos engravidou da segunda e mais a frente da terceira e última filha, como podemos ler nas palavras de Ana: *“José e meus filhos são um presente que Deus me deu, na verdade nunca digo que são meus e sim do nosso pai”*. Seu primeiro filho é tido como um filho pelo José, pois após o divórcio, o pai foi embora tomando certa distância do garoto.

Companheira e mãe dedicada, amorosa, carinhosa, criativa e bondosa. Segundo seus filhos é um exemplo de paciência e bondade. Mesmo com muitas virtudes, Ana agradece e se desculpa dos filhos e marido por tolerarem a falta de atenção, por estar sempre servindo a comunidade. Falar sobre a comunidade é sempre uma identidade nas palavras de Ana: *“Nossa comunidade precisava de vozes que chegassem aonde fosse preciso, representantes... Eu e Dedé nos dispomos a abraçar ainda mais as causas do nosso povo”*.

Depois de assistir uma entrevista em um documentário sobre comunidades tradicionais, decidiu procurar ajuda. Na comunidade há uma historiadora chamada Dona Madalena que contou e recontou várias vezes as histórias de que Ana precisava, além de outros habitantes antigos que também contribuíram com os fatos que levaram a certeza de um povo.

Numa dessas histórias, Ana sempre se entristeceu ao saber que seus descendentes foram chicoteados, agarrados em um mourão, passaram fome, maus tratos, seus trajes eram feitos de retalhos remendados e improvisados.

Ana, José, Madalena e Célio seu irmão se juntaram para descobrir e desbravar histórias e fatos, mesmo com as memórias aguçadas e conscientes do que falar e fazer necessitavam de ajuda. Foi neste momento que o secretário de agricultura colaborou, através de investigações, estudos burocráticos para que se tornassem uma associação e fossem reconhecidos como quilombolas.

As reuniões com a população eram frequentes, muitos dos habitantes não são alfabetizados, por isso na coleta das assinaturas há digitais pintadas com tinta de caneta deixando sinais de progresso e vitórias para as próximas gerações.

Passados uns anos, após a legalização dos documentos, se tornaram a Associação dos Remanescentes de Quilombolas do Córrego de Ubaranas. Os encontros acontecem embaixo de uma mangueira ou na igreja, ainda aguardam apoio para o término da sede. Antes da associação o cenário territorial era vazio, os rostos sofridos, trabalhos escassos e quase nenhuma

oportunidade para o crescimento econômico e profissional dos habitantes, valendo-se apenas da agricultura.

Através da Associação muitas atividades econômicas foram inseridas: produção de doces, artesanato com palha de carnaúba, pequenas plantações advindas da APROVEJ¹ (associação de projetos vencer juntos), com sede no município de Aracati. Trabalho com reciclagem, eventos religiosos e comemorativos, dentre muitas atividades planejadas e realizadas com toda a comunidade, como o dia da consciência negra. José expressa tristeza quanto ao apoio do poder público, como podemos sentir em suas palavras: *“Infelizmente o poder público municipal não nos tem assistido, mas ainda sim somos felizes e gratos aos amigos, universitários, igreja católica e a todos que contribuem direta ou indiretamente”*.

A partir das narrativas de José, os remanescentes de quilombolas continuam sofrendo com descaso, injustiça, ameaças, agressões ao patrimônio histórico como o engenho, lutas judiciais com os proprietários do terreno para desapropriação de todos. Leiamos o que diz José: *“Não vamos recuar, nem desistir, estamos quase chegando lá. Somos a sobrevivência, muitos não puderam ver as conquistas, por isso queremos honrar a memória do nosso povo”*. Ana, por sua vez, diz que: *“Nada me abala, sou muito feliz, realizada. Tenho fé em Deus!”*

Ambos carregam no semblante o desejo de serem incluídos e não marginalizados. Constroem sonhos, são desejosos de uma vida de paz e harmonia, querem a efetivação dos seus direitos, mas também entendem a responsabilidade social dos seus deveres, pregam na comunidade valores humanos, éticos, sempre falando mais através do exemplo de vida do que das palavras. Dedé pretende continuar os estudos, mas por enquanto, o momento é dos filhos e dos jovens que estão encaminhando suas carreiras com o incentivo deles.

Durante o período da pesquisa observamos o quanto as pessoas entrevistadas tinham admiração e gratidão a Ana e o José. Por conseguinte, resolvemos expor as falas na íntegra, por achá-las verdadeiras e expressivas.

Ana e Dedé são muito úteis a todos, lutadores, estão sempre à frente de tudo. **(Madalena)**. Ana segue o mesmo caminho de sua mãe, muito amiga e solidária. **(Rosa)**. Ana é tudo na nossa família, Dedé é uma benção! **(Familiares)**. Amigos de lutas e vitórias. Sou muito feliz e grata a Deus por sua amizade **(Nazaré)**. Pessoas admiráveis, batalhadores, pensam no próximo. O mundo precisa de pessoas solidárias e menos egoístas. **Francisco (Aprovej)**

¹ Associação fundada em 2007 que acompanha grupos produtivos da economia solidária no Litoral Leste e Vale Jaguaribano do Estado do Ceará.

Expomos através de uma pesquisa valorosa e enriquecedora a história de pessoas comuns, mas que não pensam apenas em si, e, sim em querer fazer ao próximo. Atualmente vivemos na corrida pela satisfação pessoal e pelo bem próprio, não é tão comum ver pessoas servindo aos outros, que consideram como mais importante à coletividade e solidariedade.

A expressão poética de Seixas revela um pouco das memórias e narrativas dos quilombolas. “Um sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade” Raul Seixas. Repletos de bastante satisfação e gratidão, fazemos da pesquisa nossa sincera homenagem aos idealizadores deste sonho Ana, José, e de todos os quilombolas que escreveram e marcaram suas histórias de vida em territórios aracatienses.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cada dia temos a certeza de que o conhecimento move o mundo. O Brasil em sua diversidade cultural, social, religiosa. Carrega histórias de vida que escrevem o país, mas, infelizmente a falta de informação e conhecimento das realidades e dos outros, nos condiciona ao preconceito, julgamento e exclusão.

Conhecer as comunidades tradicionais, em especial os quilombolas, foi marcante para nós, haja vista que as narrativas nos comoveram e quebraram paradigmas até então afirmado por muitos Aracatienses. Ouvir, sentir e se aproximar de forma ética e responsável dos membros da comunidade, pôde abrir muitos olhares sobre os direitos humanos que são tão desconsiderados e desrespeitados.

Estas narrativas marcam uma história de lutas, dores, silêncio, medos, conflitos, mas também de muitas conquistas, saberes, memórias, valores e direitos humanos. A oportunidade ímpar que a pesquisa nos proporcionou com certeza contribuiu muito com nossa formação, crenças, valores e aprendizagens.

Desta forma, reconhecemos o valor relevante das pesquisas (auto) biográficas tanto para os pesquisadores como para os pesquisados. Como bem reforçou Josso (2008) que estas narrativas são significantes no processo de formação de todos.

Reforçamos o valor imensurável da pesquisa em nossas vidas. Diante dos estudos, visitas, entrevistas pudemos nos envolver de forma solidária nas atividades culturais, artísticas e outras, com o desejo de fazer acontecer. Afinal acreditamos que de nada adianta as teorias se não são colocadas em prática.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto 4.887, de 20 de Novembro de 2003.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em 20 de junho de 2014.

CALHEIRO, Felipe Peres e STADTLER, Hulda Helena Coraciara. **Identidade Étnica e Poder:** os quilombos nas políticas públicas brasileiras. In: *Revista Kátal*. Florianópolis, v.13(1), 2010, 133-139.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>

JOSSO, Christine. As Histórias de Vida Como Territórios Simbólicos nos Quais se Exploram e se Descobrem Formas e Sentidos Múltiplos de uma Existencialidade Evolutiva Singular-Plural. In: **Tendências da Pesquisa (Auto)biográfica**. Natal, RN: EDUFRN: São Paulo - SP: Paulus, 2008. 362p.

MOURA, Clovis. **Rebeliões da Senzala:** quilombos insurreições e guerrilhas. São Paulo - SP: Conquista, 1972.

MUNANGA, Kabengele & GOMES, Nilma Lino. **O Negro no Brasil de Hoje**. São Paulo – SP: Editora Global, 2006.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico dos quilombos em África. In: MOURA, Clovis. (Org.). **Os Quilombos na Dinâmica Social do Brasil**. Maceió: Edufal, 2001, p.21-31.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

Raul Seixas. **Poesia**. Disponível em: http://pensador.uol.com.br/sonho_que_se_sonha_so/
Sandro Colibri. **Poesia**. S. Paulo, 19/11/2012. Disponível em:
<http://www.recantodasletras.com.br/poesias/1049752>